

Artigos sobre Histórias em Quadrinhos

1

Os “COW-BOYS” DE ANTIGAMENTE

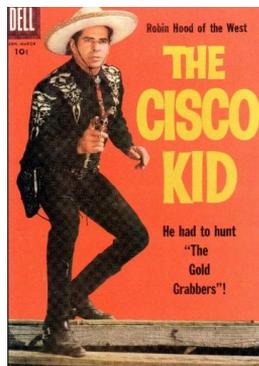
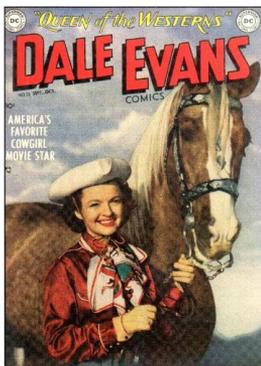
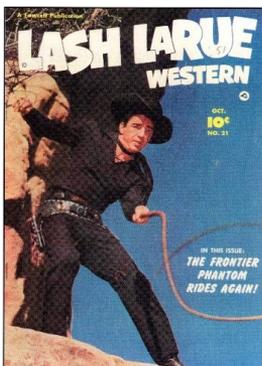
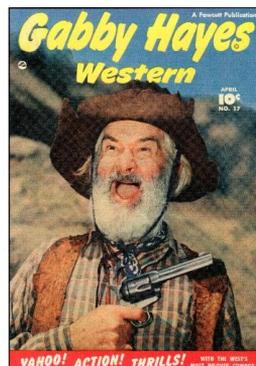
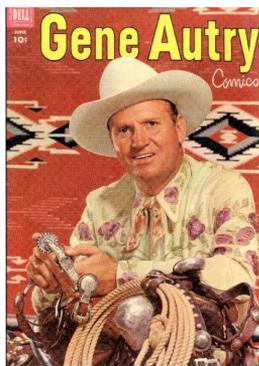
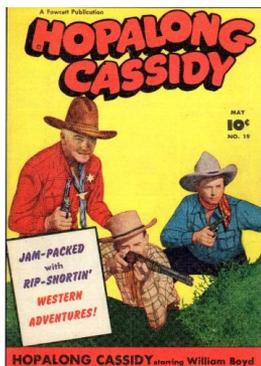
Carlos Gonçalves

Colaboração de **Edgard Guimarães**

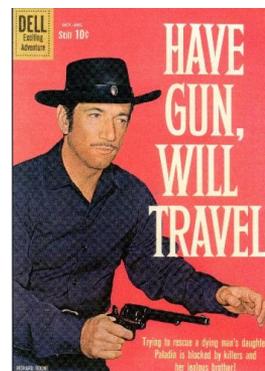
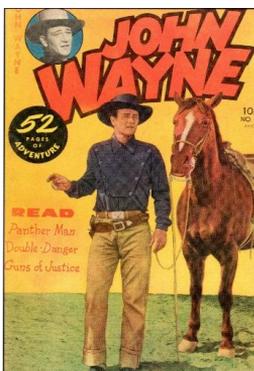
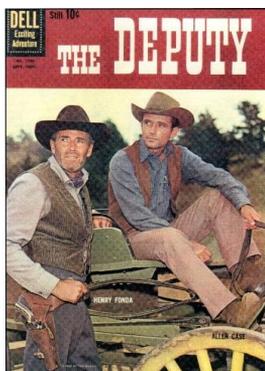
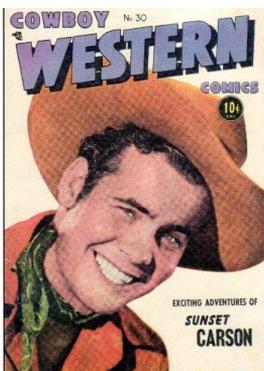
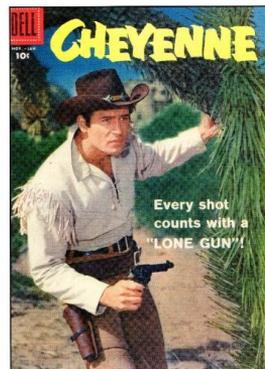
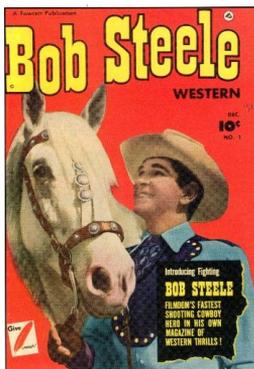
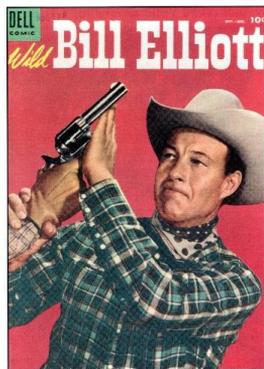
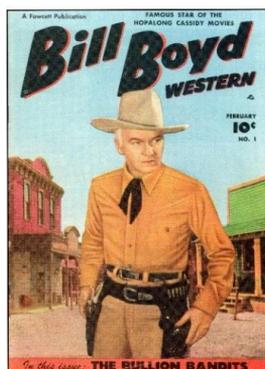
Mesmo que a leitura seja a Banda Desenhada, não quer dizer que se goste do tema de “cow-boys”... Alguns leitores gostam de ficção científica, outros do policial, o tema de terror é outro a escolher, embora este tenha tido sempre uma certa apetência por parte dos brasileiros e menos pelos portugueses... depois entramos no campo do amor, com muito menos adeptos... as mulheres, principais interessadas neste campo, não são por norma leitoras de Histórias em Quadrinhos, e finalmente poderíamos entrar num dos temas mais em voga atualmente, principalmente nos filmes de ação, o “thriller”. Depois ainda teríamos o erótico, o humor, o capa e espada quase inexistente, e então seria a vez dos “cow-boys”, tema apaixonante, mas que as gerações recentes pouco ou quase nada conhecem ou tiveram acesso. Em contrapartida, a geração dos anos 1940/50 foi bombardeada e conduzida até à exaustão na procura de novos filmes, novos livros e novas Histórias em Quadrinhos sobre esse tema. Qual era o simples mortal que, quando chegava ao fim-de-semana, não procurava saber quais os filmes que se encontravam anunciados e aproveitar uma aberta para ir ver dois ou quatro? Naquele tempo cada sessão tinha dois filmes, que rondavam as três horas de exibição... isso se ao espectador não hesitasse em ver o programa de um cinema de sessões contínuas. Podia entrar às 14h00 e ir para casa às 00h00. Evidentemente que o Cinema da altura, como ainda se verifica hoje, acompanhava a tendência da escrita e, conseqüentemente, as Histórias em Quadrinhos. As capas das revistas da especialidade normalmente retratavam os nossos “cow-boys” nas várias cenas de luta e emoção contra o crime, a maldade e as injustiças. Fosse o artista um romântico “cow-boy”, um aventureiro, um pistoleiro, um “marshall” ou “sheriff” ou mesmo um “ranger”, cada capa das revistas da altura apresentava-os em toda a sua pujança e genialidade. Porque cada capa conquistava os leitores, seduzia-os de uma forma inequívoca. A capa era o anúncio de um produto e qualidade e por isso mesmo tinha que oferecer essa mesma qualidade. Grandes desenhadores norte-americanos dessa altura criavam o que de melhor se podia ler no campo do “western” e não eram poucos. As nossas revistas de Banda Desenhada não publicavam quase nenhum material do gênero nessa altura. Mas desse aspecto falaremos mais à frente, já que existem estudos bastante completos sobre os trabalhos dos nossos desenhadores nesse campo.

O APARECIMENTO DAS HISTÓRIAS DE “COW-BOYS” NOS “COMIC-BOOKS” DOS EUA

As primeiras Histórias em Quadrinhos dedicadas aos “cow-boys” surgem em fevereiro de 1937 nos “comic-books” intitulados como **Star Ranger** e **Western Picture Stories**. Inicialmente as histórias não se tornaram famosas e os desenhadores também não o eram, mas, pouco a pouco, e com o interesse manifestado pelos leitores, começaram a aparecer trabalhos de Fred Schwab, Creig Flessel, Fred Guardineer, Charles Biro, etc., estes já desenhadores consagrados que passaram a transmitir às histórias muito do seu saber e da sua arte. O tema já era apreciado pelos leitores dos suplementos dos jornais, mais velhos do que os leitores dos “comic-books”, já que a partir de 1928, apareciam naqueles matutinos as aventuras de *The Young Buffalo Bill* de Harry O’Neill, cujo nome seria alterado para *Buckaroo Bill* mais tarde e *Broncho Bill* em 1935. *Little Joe* de Ed Leffingwell surge em 1933. Mas a série de grande sucesso seria *The King of the Royal Mounted* datada de 1935 da autoria de Zane Grey e Allen Dean, e três anos depois *Red Ryder* de Fred Harman. Em setembro desse ano, uma série extraordinária, não só quanto à sua longevidade como em relação à aceitação dos leitores desde a sua primeira aventura, ainda que um pouco mal desenhada pelo seu autor, Ed Kressy, será *The Lone Ranger*. Mas é rápida a substituição desse desenhador por Charles Flanders e a partir daqui a sua ascensão será bastante rápida. Aliás, poucas serão as séries sobre este tema que tenham atingido um número tão vasto de edições, onde as suas histórias seriam publicadas. Tom Gill seria o desenhador a ocupar-se mais tarde desta personagem. Os anos quarenta serão considerados como aqueles em que as histórias de “western” tentam afirmar-se, com o aparecimento de várias personagens e uma série de títulos, na tentativa de conquistar novos leitores.



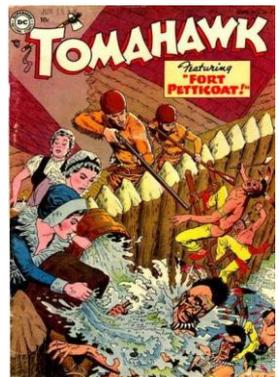
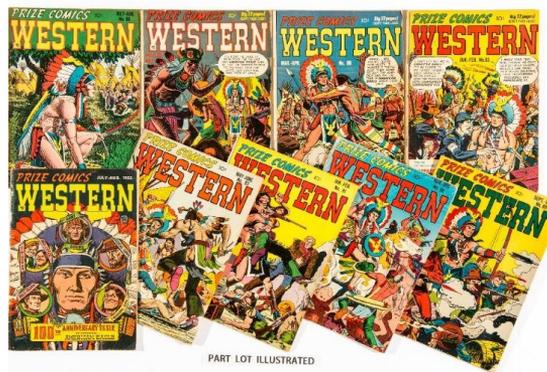
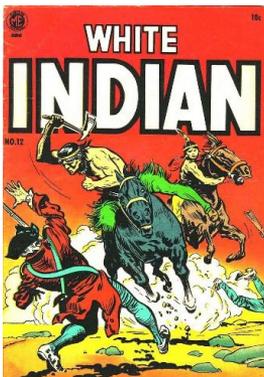
No princípio dos anos cinquenta, as séries de televisão irão ajudar sobremaneira a popularidade das séries de “cow-boys”, com o aparecimento de **Bat Masterson** e **Wyatt Earp**, seguidas de **Daniel Boone** e **Davy Crockett** onde o artista Fess Parker acabaria por se tornar uma celebridade com a canção da introdução da respectiva série. Depois é um verdadeiro “boom” no campo da criação. Se *Tom Mix* já tinha o estatuto de estrela, todos os que se seguem irão também conquistá-la: *Hopalong Cassidy* será o mais rápido a alcançá-lo, pois a sua revista passará de quatro milhões de cópias por número para oito milhões, *Monte Hale*, *Gene Autry*, *Roy Rogers*, *Gabby Hayes*, *Rocky Lane*, *Lash LaRue*, *Durango Kid*, *Rod Cameron*, *Ken Maynard*, *Tex Ritter*, *Rex Allen*, *Johnny Mack Brown*, *Tim Holt*, *Dale Evans*, etc... etc... Naquela fase a criação de qualquer personagem no campo do “western” tinha já o seu sucesso garantido, tal era apetência pelo tema quer dos leitores, quer dos telespectadores. Depois do nascimento de todos estes “cow-boys”, nada mais natural que comecem a criar índios também, para viver as aventuras do mesmo modo que os “cow-boys”, umas vezes como seus companheiros, como será o caso de *Tonto* para *The Lone Ranger* e *Little Beaver* para *Red Ryder* e outros como protagonistas de novas séries como *Straight Arrow*, *Indian Braves* e mais alguns. Estes já não conseguiram granjear tanta popularidade como os “cow-boys”, com exceção dos companheiros de *The Lone Ranger* e de *Red Ryder*.



A aposta foi grande, mas rapidamente ganha com a avalanche de edições que foram surgindo ao longo dos meses... **Bill Boyd**, **Bill Elliot**, **Bob Steele**, **Cheyenne** e mais uma dezena, onde apareciam nas capas vários artistas de cinema, **Cow-boy Western Comics**, **The Deputy**, **John Wayne**, **Have Gun, Will Travel**, etc... Mas a euforia de criar títulos era tal, que muitas das revistas eram postas nas bancas com nomes que ultrapassavam o aceitável.

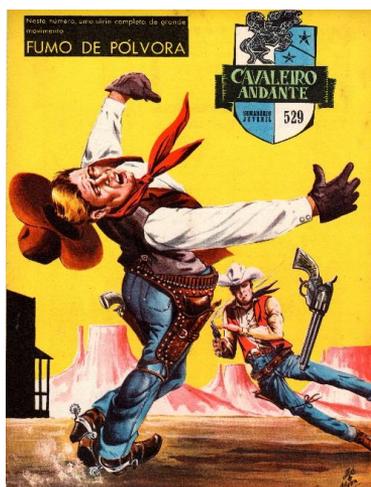
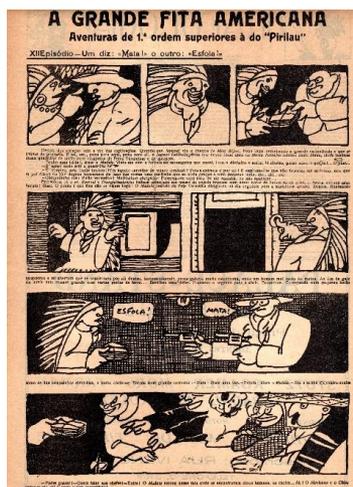
Seria o caso por exemplo dessas edições: **The Rawhide Kid, The Ringo Kid, The Texas Kid, The Arizona Kid, Kid Slade Gunfighter, The Kid From Texas, The Kid From Dodge City, The Apache Kid, The Western Kid and The Outlaw Kid...** o “kid” (rapaz, pequeno, miúdo) era uma classificação para uma série de personagens.

Evidentemente que no trivial encontravam-se também personagens marcantes, não só nas suas histórias como nas suas personagens. Será o caso de *Two-Gun Kid* de Stan Lee/Jack Kirby e com desenhos de Ogden Witney, Jack Kirby, Dick Ayers e Joe Sinnott. Também uma das personagens de grande interesse será *Tom Mix* (1880-1940), um verdadeiro homem-espetáculo nos seus filmes, levando ao delírio os seus espectadores. Seria considerado o “rei” dos “cow-boys” na tela e, mais tarde, também nos “comic-books” de 1947 a 1953. Os desenhos pertenciam a Carl Pfeufer. Outro grande “cow-boy” seria *Hopalong Cassidy*, da autoria de Dan Spiegle, extraordinário desenhador, embora não fosse este o desenhador original. O primeiro seria Irving Steinberg (1916-93) e outros, incluindo Pete Constanza (1913-84). Seria importante continuarmos a falar de mais séries e mais revistas dedicadas ao tema, mas a possibilidade de espaço é diminuta, pelo que iremos salientar mais algumas personagens de interesse e que nos deliciaram na sua leitura quando jovens. Fred Harman seria outro caso de destacar com a sua personagem de êxito estrondoso *Red Ryder*. Quem não se lembra deste “cow-boy” ruivo, calmo e destemido, e que era acompanhado nas suas aventuras com o índio *Pequeno Castor*? Depois, ainda que limitado nas suas aventuras, não é a altura de esquecer *Casey Ruggles* da criação de outro talentoso artista, Warren Tufts. Seria ele também o autor de *Lance*, uma série espetacular nas suas pranchas, devido ao seu aspecto gráfico, onde as cores imperavam. Infelizmente a série não teve aceitação merecida, talvez por uma má distribuição entre os jornais. Estas duas séries seriam lançadas nos jornais e não nos “comic-books”. Temos ainda *Rick O'Shay* de Stan Lynde, outra personagem a destacar e a fixar pela beleza das suas aventuras. Trata-se igualmente de uma série publicada nos jornais. Finalmente não nos vamos esquecer de lembrar outro grande e famoso desenhador, Frank Frazetta, com a sua série *The White Indian*. Os últimos dois artistas a destacar serão John Severin com a sua série *Eagle* e *Tomahawk* de Ed France Herron e Fred Ray. Esta é a fase dos índios e dos pioneiros que os combatem, na tentativa de conquistarem novos territórios, que acabarão por ser invadidos pelos emigrantes brancos. Todos conhecemos já a história verdadeira destes fatos, que levariam a um genocídio quase completo da população índia. No entanto, não podemos deixar de referenciar o belo trabalho que a maior parte dos desenhadores norte-americanos nos deixariam, através de belas capas nas edições dos “comic-books” editados ao longo dos anos, autênticas joias das artes gráficas.

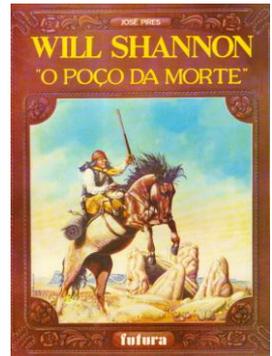
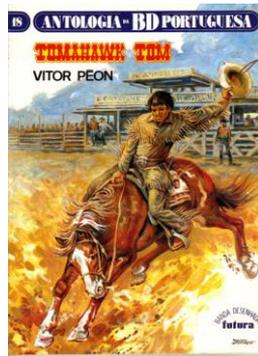
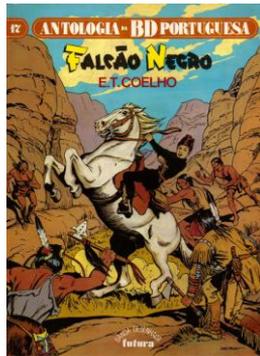


OS “COW-BOYS” NA BANDA DESENHADA EM PORTUGAL

Vários estudos estão já feitos sobre o panorama do “western” nas nossas Histórias em Quadrinhos. Alguns da autoria de Jorge Magalhães, muito completos e com uma informação bem documentada e pormenorizada. Aos interessados aconselhamos vivamente esses estudos, editados pela Câmara de Moura e onde poderão recolher uma exaustiva e importante amostra de tudo o que seria criado e publicado nas revistas portuguesas de Banda Desenhada sobre este panorama. Quanto a nós, faremos um pequeno resumo do que se passou há quase cem anos, pois será num longínquo ano de 1920 que surge a primeira história baseada no “western” da autoria de Cottinelli Telmo com *A Grande Fita Americana* publicada na revista **ABC**. Depois esporadicamente aparece uma ou outra produção portuguesa sobre o tema: *As Estupendas Façanhas do Cow-Boy Façanhudo* de António Cristino em 1926 na revista **ABCzinho**, *As Aventuras do Cow-Boy Jim Boy* de Carlos Botelho na revista **ABCzinho** também, em 1927, e depois com uma abordagem muito tênue, Oskar, Arcindo Madeira, Júlio Resende, Meco, Fernando Bento e Mário Costa criam algumas histórias sobre o tema, embora na vertente do humor. Isso tudo já nos anos trinta, princípios dos anos quarenta.



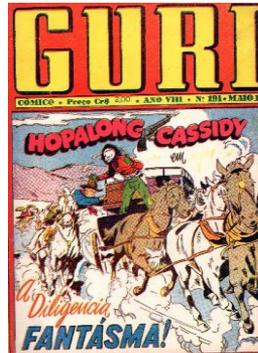
Será na revista **O Mosquito** que Vítor Péon se irá estrear e precisamente com uma História em Quadrinhos realista sobre os “cow-boys”. O ano era o de 1943. Também em **O Faísca** e no mesmo ano, o desenhador António Barata irá dar os seus primeiros passos na Banda Desenhada, com uma história sobre o mesmo tema. Mas pertence sem dúvida alguma ao desenhador Vítor Péon o lugar cimeiro na criação de histórias sobre “cow-boys”, pois irá continuar a desenhá-las até emigrar em 1956. E mais tarde, quando regressa a Portugal nos anos 1970, volta a pertencer-lhe essa prerrogativa. Aliás, o lançamento de uma personagem que se irá tornar célebre, *Tomahawk Tom*, que teria mais de uma dezena de episódios publicados, será um dos marcos nesse campo. No nosso país, tal feito fará história, pois independentemente do tema, os “heróis” da Banda Desenhada portugueses são muito poucos. Com muito raras exceções, *Quim e Manecas* de Stuart, *Zé Pacóvio* e *Grilinho* de Tiotónio, *O Ponto* de Fernandes Silva, *Falcão Negro* de Eduardo T. Coelho, *Simão* em *O Caminho de Oriente* da autoria deste último desenhador também e *Chico* de Júlio Gil, poucos foram os “heróis” que continuaram a viver as suas aventuras de um modo assíduo. No campo dos “cow-boys” teremos mais algumas experiências por parte do José Garcês, Jayme Cortez, Júlio Gil, José Ruy, Carlos Roque, Batista Mendes, José Pires e Augusto Trigo.



Poderemos quase afirmar que a maior parte dos nossos desenhadores abordaram, ainda que de uma forma muito pouco apaixonante, o tema do “western”. Enquanto os cinemas ofereciam uma programação semanal de vários filmes, com enormes potencialidades dedicadas à ação e à aventura, às cavalgadas, aos tiroteios em duelos, os nossos desenhadores muito timidamente ocupavam-se de algumas pranchas, oferecendo de um modo modesto o que os leitores de Banda Desenhada consumiam. Mas será que não existiria ali algum racionamento forçado por parte dos nossos artistas?

OS “COW-BOYS” NO BRASIL

Se até aqui já focamos alguns personagens, revistas, histórias e autores, esta é uma rubrica que nos encanta sobremaneira, pois o Brasil foi um dos países (juntamente com a Argentina), onde os “comic-books” proliferavam do mesmo modo que nos Estados Unidos da América. E o nosso país, mesmo muito pequeno e com poucos leitores e apreciadores de Banda Desenhada, tinha o privilégio de receber e serem expostos nos escaparates, uma larga série de títulos editados no Brasil. Na altura e devido à nossa juventude as possibilidades econômicas eram pequenas e cada revista custava desde 2\$50 a 4\$00, o que era incomportável para a nossa bolsa. A solução era procurar nos vendedores de segunda-mão, que se espalhavam pela cidade, alguns em pontos fixos, perto do Éden Cinema, do Salão Lisboa, do Jardim Cinema, do Cine Oriente e do Olympia e outros em vão de escada, na Praça de Chile e na Rua Almirante Reis. Nestes comerciantes e através de uma moeda de um escudo, trocávamos uma revista por outra que ainda não tínhamos lido. Se houvesse mais dinheiro, comprava-se o exemplar que na altura custava quase tanto como a revista nova. O número de exemplares à venda também não abundava e muitas vezes apareciam em mau estado, pois muitos jovens de melhores posses financeiras compravam diretamente as revistas e colecionavam-nas.



As primeiras revistas que tivemos acesso seriam o **Guri**, **Gibi** e **O Globo Juvenil**, todas com datas de finais dos anos quarenta, princípios de cinquenta. O tema forte eram os “super-heróis”. Era uma panóplia de personagens, como do costume, e o **Batman** ainda se chamava *O Homem Morcego*, mas de vez em quando vinha uma ou outra história de “cow-boys”, tais como as de *Flecha Dourada*, de Bill Parker e Greg Duncan, *Hopalong Cassidy* e *Rod Cameron*. Este último era escrito por Otto Binder e desenhado por Clement Weisbecker. As primeiras revistas que apareceram de “cow-boys” no Brasil, e consequentemente cá, não se apresentavam com as belas capas das norte-americanas. Tal só viria a acontecer meia dúzia de anos depois. Mas a Ebal, uma das editoras principais daquele país, não deixou de oferecer aos seus leitores, muitas das personagens que viria a alcançar o merecido sucesso. A primeira dessas revistas será **Aí, Mocinho!**, datada de novembro de 1949, e que irá publicar uma primeira série com 100 números, com as aventuras de *Black Diamond* de William Overgard com desenhos de Claude Moore, Tony DiPietra, Fred Guardineer, etc... Mas as personagens vão mudando de número para número e embora *Black Diamond* seja a estrela de elite, todas as outras personagens viviam as suas aventuras cheias de risco e não eram menos apreciadas que as do “herói” principal. Os desenhos eram igualmente perfeitos, mas na tentativa de criar personagens para as revistas, levava a uma produção desmesurada. Mesmo que algumas das histórias não se apresentassem com um “herói” titular, para os leitores só interessava a aventura e o que ela representava no campo da justiça. Castigar os maus. Em poucas páginas apenas, normalmente 7 ou 8, era contada uma história que nos entusiasmava.



Não é de admirar que na euforia da realização dos filmes (muito público esperava por novos filmes), com nome ou mesmo sem nome de um artista principal, eles eram filmados. Nas revistas **Aí, Mocinho!**, aparece o nome de *Jack Williams* a viver as suas aventuras. Mas quem é esta personagem, um simples duplo? Nem sequer era um artista consagrado... O segredo estava na forma como tinha treinado o seu cavalo *Coco*, que nas várias quedas que era obrigado a fazer, em substituição do artista principal (serão largas dezenas as que sofrerá para delírio dos espectadores), resultavam de tal modo perfeitas e espetaculares, que quer um quer outro passariam para o rol dos famosos em pouco tempo. O seu cavalo morrerá com 33 anos... Williams com 86, depois de uma vasta carreira cheia de sucessos. Muitos cavalos destes atores viriam a ser igualmente célebres e a viverem as suas aventuras nos “comic-books”, como seria o caso de *Trigger*, *Champion*, *Silver* e *Scout*, respectivamente os cavalos de *Roy Rogers*, *Gene Autry*, *Lone Ranger* e *Tonto*...

A indústria cinematográfica era pujante e conseguia uma certa empatia com os espectadores. Alguns artistas eram rotulados como maus (a sua fisionomia e o seu papel era o de fazer mal, como seriam os casos de Lee Van Cleef e Jack Palance).

Quando o artista principal matava o seu opositor, os espectadores batiam palmas, em sinal de euforia e demonstrando o seu contentamento pela justiça feita. A revista **Aí, Mocinho!** era sem dúvida uma das melhores que se publicavam na época, embora começassem a aparecer no mercado brasileiro, e também em Portugal, outras editoras a apostarem no tema, face ao sucesso que ela estava a conquistar junto dos apreciadores. A própria Ebal não ficaria por aqui, pois irá lançar outras coleções com outras personagens, de que falaremos a seguir. Entretanto a Rio Gráfica lança **Rocky Lane** em janeiro de 1953 e a Orbis Publicações edita **Pele Vermelha** (*Indian Chief*) em 1954, seguidas no mesmo ano de **Polícia Montada**, **Justiceiros** (*Tomahawk*), **Cara Pálida** (*Little Beaver*), **Marruá** (*All Star Western*), **Cisco Kid** e **Rancho Grande** (*Red Ryder*), todas elas com personagens de sucesso, o que não viria a acontecer com as revistas, já que a maior parte delas ficaria pelo caminho, apesar de trazerem uma inovação no campo gráfico, eram todas impressas a cores. Dois anos depois, a editora deixa de publicar este material. Evidentemente que os títulos foram mais, mas para este estudo só nos interessa focar estes títulos.



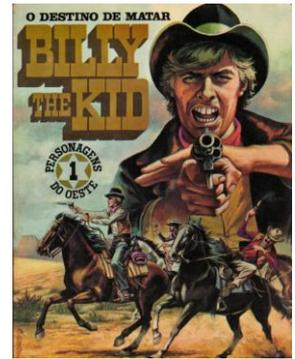
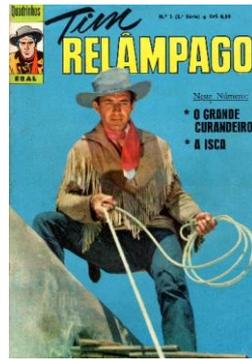
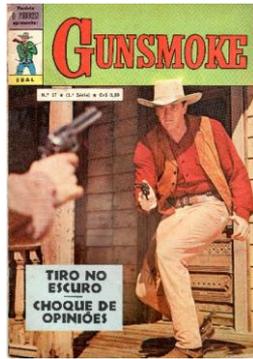
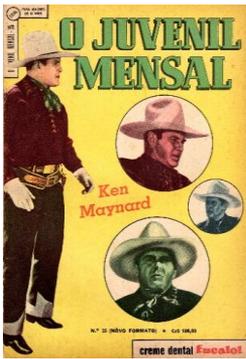
A Ebal ainda não tinha entrado no desafio de publicar revistas a cores, com exceção das **Seleções Coloridas** que apareceram com as primeiras histórias de Walt Disney no Brasil e estas, sim, eram impressas a cores. Todas as outras eram impressas em sépia ou a preto e branco. Muitas vezes a impressão não era das melhores, mas o custo de tal decisão provavelmente seria uma aposta demasiado cara, como aconteceu no caso da Orbis Publicações. Entretanto, a revista **Aí, Mocinho!** continuava o seu itinerário de edições com novas personagens de número para número: *Rod Cameron*, *Tim Holt* de Frank Bolle e Dick Ayers, *Bat Masterson* de Ed Herron e Howard Nostrand e também Bob Powell. Os desenhadores vão-se revezando na criação das histórias para as várias personagens.

Depois seria a vez de *Buck Jones* de origem inglesa, da autoria de vários desenhadores a trabalharem para Inglaterra. Estava esgotado o filão americano nesta publicação, mas ele iria continuar com títulos próprios e também apelativos, como seria o caso de **Album Gigante** publicado pela Ebal, a partir de maio de 1949, mas que até aí tinha aparecido com outros temas, mas que alternadamente vai-se apresentando com histórias ligadas ao “western”. Seguem-se as coleções **Superxis** aparecida em julho de 1950 num formato italiano pela primeira vez (o formato não conquistará os leitores, pelo que pouco tempo depois terá o formato A4, como suas irmãs) e apresentará as aventuras de *Rex Allen* de Mike Arens, Russ Manning e muitos outros. Temos ainda as revistas **Gene Autry** de Jesse Marsh, Till Goodan e Jim Chambers, etc., iniciada em abril de 1952, **Roy Rogers** datada de abril de 1952, **Reis do Faroeste** editado a partir de julho de 1953, com as histórias de variadas personagens, **Zorro** a partir de março de 1954, talvez um dos raros “heróis” que conseguiria ultrapassar os 500 títulos editados, **Cowboy Romântico** lançado a partir de julho de 1955, com histórias sem personagens específicas, mas abordando o tema do seu título, **O Herói** numa nova série datada de setembro deste mesmo ano, com as aventuras de *Durango Kid* e *Kit Carson*, e **Nevada** iniciado em abril de 1957 com *Red Ryder* no início e *Durango Kid* e *Black Diamond* mais tarde.

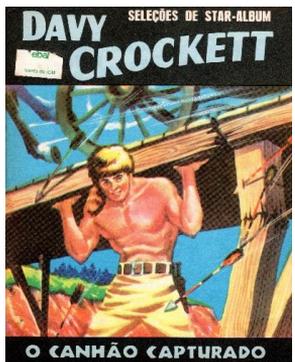


Mas é certo também que a outra editora rival da Ebal se debruçava sobre este mercado, que ainda mantinha os seus mais fiéis leitores. A Rio Gráfica lança pois mais revistas, o **Cavaleiro Negro** (*Black Ryder*) de Syd Shores em setembro de 1952, **Don Chicote** (*Lash LaRue*) aparece em 1955, em maio de 1956 será a vez da publicação **Bronco Piler** (*Red Ryder*) e no ano seguinte nasce **Jerônimo**, uma personagem nova brasileira sobre o tema, criada por Edmundo Rodrigues, uma das grandes promessas da BD brasileira. Na década seguinte serão publicados alguns Almanques pela Rio Gráfica (edições que por enquanto era norma ser a Ebal a editá-las): **Almanaque do Cavaleiro Negro** em 1963; em 1964, **Almanaque do Cavaleiro Fantasma** e **Almanaque do Flecha Ligeira**.

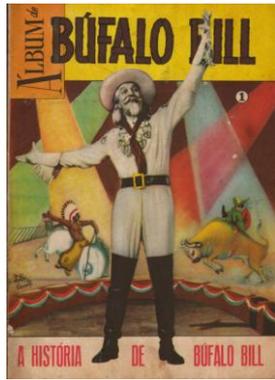




Mas a Ebal continuará a editar mais títulos e a apostar nas histórias de “cow-boys” com o lançamento de **O Juvenil Mensal** em janeiro de 1962 com as aventuras de *Monte Hale*, *Tex Ritter*, etc...O formato inicial era o italiano, até mudar pouco depois. Seguem-se exemplares publicados com as aventuras de *Ken Maynard* e depois com as de *Tex Ritter* e de *Monte Hale*. Os anos sessenta reduzem drasticamente as edições sobre este tema. Só em maio de 1970, serão publicadas as revistas **O Poderoso** com as aventuras de *Gunsmoke*, uma personagem criada na Inglaterra nas tiras dos jornais por Harry Bishop e que seria adaptada para os “comic-books” por Alberto Giolitti, e **Quadrinhos** (2ª série) com as aventuras de *Tim Relâmpago* (*Range Rider*) de August Lenox... Mais tarde e em formatos mais reduzidos, a Ebal ainda irá publicar **Zorro de Bolso** (fevereiro de 1973), **Zorro** em formatinho (junho de 1976), **Bonanza** (agosto de 1976) e **Davy Crockett** (agosto de 1981), depois de ter lançado uma coleção intitulada **Personagens do Oeste** em janeiro de 1975, onde um grande desenhador italiano, Rino Albertarelli, se ocupa de retratar algumas personagens célebres do campo do “western”.



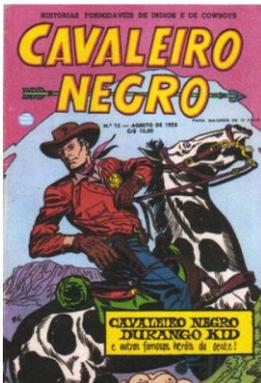
Duas novas tentativas sem grande sucesso serão os álbuns com as aventuras **Bufalo Bill** e com **Buck Jones** lançadas em abril de 1974 o primeiro e em agosto o segundo. Finalmente ainda será publicada uma nova série de **Aí, Mocinho!**, em novembro de 1986 com 8 números, numa última tentativa de ressuscitar o tema. Estava pois fechado o círculo dos “cow-boys”... pouco ou quase nada havia a acrescentar a este tema, pelo menos nas linhas em que vemos este meio de comunicação e esta forma de arte. No entanto, não deixamos de ser surpreendidos pela positiva com o aparecimento de uma nova personagem neste campo, *Jonah Hex* da autoria de John Albano e Tony de Zuñiga em 1972. Mas embora de grande qualidade artística e mesmo a nível dos argumentos se tratasse de uma obra de grande mérito, o nosso empenho e a nossa paixão ficou por aqui.



OS DESENHADORES BRASILEIROS E AS SUAS CRIAÇÕES

Num capítulo a parte e de forma a salientar também os trabalhos de grandes desenhadores brasileiros neste campo, pois como nos anos 1960, no Brasil, a Ebal era a editora que publicava todos os “cow-boys” da TV, a Rio Gráfica, para dar continuidade às suas publicações dedicadas ao “western”, contratou desenhadores brasileiros para fazer face à procura das suas edições, em virtude de já não haver na origem (Estados Unidos da América), trabalhos originais.

Assim *Rocky Lane* seria desenhado por Primaggio Mantovi nas suas novas aventuras, o *Cavaleiro Negro* terá a adoção por parte de Walmir Amaral de Oliveira, Gutemberg Monteiro e Juarez Odilon, o *Cavaleiro Fantasma* será continuado por Walmir Amaral e Milton Sardella, o *Flecha Ligeira* terá novas histórias criadas por José Evaldo de Oliveira e *Texas Kid* passa a ser desenhado por Joaquim de Oliveira Monte... Algumas delas com êxito. Nada era mais natural e, provavelmente, alguns ou muitos dos leitores não se aperceberam que as histórias tinham outra origem. A fórmula era simples. Um bom argumento, alguns enquadramentos de qualidade, um bom traço e estava encontrada a forma de entusiasmar de novo os leitores da altura. As histórias poderiam ter um pouco mais de páginas, de 10 a 20, pois às vezes planear um bom argumento em poucas pranchas torna-se difícil. De qualquer dos modos, os trabalhos serão aceites e as revistas voltam a circular concorrendo com as da Ebal.



ADENDO

Além dos trabalhos feitos pelos artistas brasileiros com personagens estrangeiros, principalmente para a editora Rio Gráfica, muitos autores criaram seus próprios “cow-boys”. Talvez o primeiro a se destacar tenha sido *O Vingador*, adaptado de radionovela de Péricles do Amaral, de 1943. Com desenhos de Fernando Dias da Silva, o “herói” foi publicado em jornal mensal patrocinado pelo sabonete Palmolive. No início da década de 1950, Gedeone Malagola publicou várias séries através da editora Júpiter, incluindo as de “western” *Jane West* e *Sierra Lane*. Em 1961, a editora Outubro lançou revista com novo *O Vingador*, durando 40 números, com nova série de cerca de 20 números publicada pela editora Taika a partir de 1972. A Outubro ainda lançou **Valentes do Oeste**, em 1965, com a série *Doc Foster*, e a Taika publicou 11 números da revista **Colorado**, 3 números de **Pancho** e 4 números de **O Mestiço**, com *Dakota Jim* de Nico Rosso. Em 1959, a editora Garimar publicou a série *Bob Nelson* na revista **Rio Kid** e, em 1966, a revista **Frenteira**, incluindo trabalhos nacionais como a série *Paulo Bob*. A editora GEP publicou 6 números de **Esporas de Ouro**, a partir de 1966, com trabalhos de Rodolfo Zalla e Eugenio Colonnese, com destaque para a série *Joe Comanche*. Em 1981, Zalla lançou seu *Johnny Pecos* em revista própria colorida, durando 4 números. Assim como *Jerônimo* era um “cow-boy” vivendo aventuras no Brasil, a editora Prelúdio lançou *Juvêncio*, cuja revista durou 15 números. No final da década de 1960, início de 1970, várias editoras pequenas lançaram revistas misturando material brasileiro e estrangeiro. A editora Roval publicou as séries *Canyon* e *Johnny Concho*. A editora Gorrión lançou 3 números de **Bang Bang**, 4 de **Bravo Oeste**, 4 de **Vaqueiros** e 6 de **Oeste Sem Lei**, com destaque para trabalhos de Edmundo Rodrigues. A editora O Livreiro lançou **Máscara de Prata**, **Pistolas e Pistoleiros**, **Lendas e Histórias do Far West**, **Far West em Quadrinhos**, também com destaque para Edmundo Rodrigues. No final da década de 1970, início de 1980, a editora Grafipar, cujo tema principal era o erótico, lançou a revista **Aventuras em Quadrinhos**, de onde saíram *Katy Apache* e *Jackal*, que tiveram revistas próprias. Também publicou um **Almanaque Faroeste** e um número de **Hex**. A editora Vecchi, que já publicava *Tex* e outros “cow-boys” da Bonelli, publicou algumas séries brasileiras na revista **Histórias do Faroeste**, como *Belle Star* e *Cyprus Hook*. Mas o destaque foi a série *Chet*, lançada na revista **Ken Parker**, ganhando revista própria com 22 números. Outra série de destaque foi *Tony Carson*, publicada na revista **Chacal** a partir do número 17 até o 28. A década de 1980 ainda viu algumas tentativas no gênero, como 2 números de **Hombre**, da editora Fittipaldi, 4 números de **Caravana** e **Colt 45**, ambas da Cedibra, um número de **Cyprus Hook** da editora Press, e, da mesma editora, já na década de 1990, 2 números de **Histórias do Oeste**.



As imagens de capas usadas neste artigo foram tiradas na maior parte da coleção de Carlos Gonçalves, algumas da coleção de Edgard Guimarães e algumas do site www.guiadosquadrinhos.com.